

A descolonização de saberes e poderes acerca da infância na formação continuada de professoras: Um diálogo entre a pesquisa acadêmica e o assessoramento pedagógico

Noeli Valentina Weschenfelder

Resumo

Este trabalho é uma reflexão sobre uma experiência de aproximação entre a pesquisa acadêmica e o Projeto de Assessoramento e Acompanhamento Pedagógico às Redes e Sistemas de Ensino na Implementação do Proinfância em Municípios do Estado do Rio Grande do Sul. Apoiada em estratégias de observação participante, entrevistas e acompanhamento a momentos de formação em contexto, foram atividades realizadas por acadêmicas de Pedagogia que atuavam como Bolsistas de Iniciação à Pesquisa do CNPq e FAPERGS. A reflexão sobre os processos de formação docente envolve uma busca por referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos quanto a práticas educativas com crianças em contextos de Educação Infantil, apostando em um processo de descolonização de saberes e poderes sobre a infância. O processo de aproximação entre a pesquisa acadêmica e o projeto de assessoramento trouxe a possibilidade de construir uma análise sobre o modo como as professoras vivenciam os processos de *descolonização epistêmica*, em experiências de socialização do conhecimento sobre a infância e sobre as crianças, abrindo espaço para instituir outros fundamentos para uma racionalidade sobre a infância.

Palavras-chave: Educação Infantil. Descolonização de saberes. Formação continuada. Interculturalidade

A reflexão sobre os processos de formação docente envolve uma busca por referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos quanto a práticas educativas com crianças em contextos de Educação Infantil, apostando em um processo de descolonização de saberes e poderes sobre a infância.

O desafio de uma descolonização implica mudança na cultura profissional docente e nas práticas pedagógicas, havendo a necessidade de melhor conhecer o que distingue as crianças no modo como vivem sua infância em seus diferentes contextos socioculturais. Nesse sentido, interessa observar e refletir sobre como tais concepções estão presentes nas práticas pedagógicas produzidas junto às escolas.

Este artigo transita por estas questões, realizando um exercício de relato e reflexão sobre a experiência de aproximação entre a pesquisa acadêmica e o *Projeto de*

*Assessoramento e Acompanhamento Pedagógico às Redes e Sistemas de Ensino na Implementação do Proinfância em Municípios da Região Central, Norte e Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - MEC*¹. Esta experiência de aproximação esteve apoiada em estratégias de observação participante, além de entrevistas, bem como o acompanhamento a momentos de formação regionais e locais, sendo estas atividades realizadas por Acadêmicas de Pedagogia que atuavam como Bolsistas de Iniciação à Pesquisa do CNPq e FAPERGS.

A partir deste processo de aproximação as pesquisadoras tiveram a oportunidade de realizar trocas e discussões com professoras e coordenações pedagógicas do grupo de escolas referenciadas, disponibilizando subsídios de diferentes ordens para as práticas pedagógicas com as crianças e para a reflexão teórica entre as equipes. O processo de aproximação entre a pesquisa acadêmica e o projeto de assessoramento trouxe a possibilidade de construir uma análise sobre o modo como as professoras vivenciam os processos de *descolonização epistêmica*, em experiências de socialização do conhecimento sobre a infância e sobre as crianças, abrindo espaço para instituir outros fundamentos para uma racionalidade sobre a infância.

APROXIMAÇÕES ENTRE A PESQUISA E O ASSESSORAMENTO

A proposta de diálogo entre a pesquisa acadêmica e o projeto de assessoramento vem sendo gestada na confluência de alguns estudos com a formação inicial e continuada no âmbito da universidade e também a partir da interlocução realizada com outras instituições, tratando de questões ligadas à infância, à docência e ao currículo escolar. Enfim, relacionadas a uma pedagogia para a infância.

Parte-se do pressuposto de que socializar outros conhecimentos sobre a infância e sobre as crianças entre professores/as permitiria romper com uma visão hegemônica que pautou e ainda pauta as práticas e as relações pedagógicas, tornando possível conhecer outras concepções em um contexto de múltiplos discursos. Este processo traz a possibilidade de refletir sobre vivências e relações com as crianças, desafiando o exercício de novas práticas pedagógicas junto aos contextos de Educação Infantil. Estes espaços educativos não dizem respeito simplesmente a um lugar onde as coisas

¹ Esta experiência de aproximação foi realizada junto a um pequeno grupo de municípios localizados na região noroeste, referenciados ao Polo no Projeto de Assessoramento.

acontecem. Trata-se de um espaço-tempo que ocupa posição de centralidade nos processos de socialização pública das crianças.

Há algum tempo estamos realizando o trabalho investigativo *com* crianças no contexto de escolas públicas da periferia urbana e área rural em situações específicas de pesquisa, acompanhando acadêmicas em formação inicial e/ou professoras em formação continuada. Nesse sentido, intensificamos o diálogo que a Pedagogia tem feito com outros campos do conhecimento, tais como a Filosofia da Infância, a Sociologia da Infância e a Antropologia da Criança, tomando de empréstimo algumas ferramentas metodológicas e conceituais para melhor entender a infância, suas experiências, suas culturas, aprofundando conhecimentos e rompendo com as representações generalizantes e universalizantes, pautadas em uma racionalidade que pouco reconhece as crianças como atores sociais e a infância como grupo social.

Desde o ano de 2012 desenvolvemos a pesquisa *Formação de professoras da escolarização inicial e cinema: narrativas, experiências e cuidado de si*. Este espaço de investigação e reflexão tem permitido examinar a formação de professores/as e a infância em suas interfaces com o cinema. O exercício de problematização está concentrado nas relações, enredos, significados, experiências e práticas dos docentes com o cinema, tomadas a partir de memórias autobiográficas. Consideramos a temática relevante e necessária à formação docente, ao Curso de Pedagogia, como também à formação continuada. Assim, as memórias de infância e tempos de ser criança permitem problematizar, na relação docente, as interações que adultos e sujeitos infantis estabelecem entre si em meio a saberes e fazeres cotidianos.

Esta interlocução entre a pesquisa e o ensino favoreceu a construção de uma trama de possibilidades enriquecedoras. Neste cenário, algumas estratégias tomaram uma dimensão e um caráter institucional, como o *Ciclo de Cinema* desenvolvido junto à UNIJUÍ. Esta estratégia, apoiada em uma cultura de socialização entre os pares, favoreceu oportunidades de sensibilização e problematização no território de encontro entre a Pedagogia e a Antropologia, na exibição e discussão de filmes como *Só dez por cento é mentira - A desbiografia oficial de Manoel de Barros*; *Língua de Mariposas*; *Crianças invisíveis*, entre outros. Acadêmicas e profissionais que atuam em espaços educativos trouxeram suas memórias de infância e de ser criança, em um contexto de trocas significativas, sendo a experiência de apreciar cinema algo novo na vida de muitos destes sujeitos.

A partir do ano de 2013 esta pesquisa iniciou uma aproximação e um diálogo com o *Projeto de Assessoramento*², proporcionando uma ampliação do grupo de participantes e, por consequência, uma ampliação significativa da abrangência. Esta pesquisa contou com a participação de Acadêmicas de Pedagogia que atuavam como Bolsistas de Iniciação à Pesquisa do CNPq e FAPERGS. As atividades de pesquisa Tjunto ao projeto de assessoramento consistiram de visitas em campo, junto a escolas de Educação Infantil de alguns municípios referenciados, com a realização de observação participante e entrevistas, com a posterior socialização de materiais teóricos e outros subsídios linguageiros, para utilização tanto nos processos de formação continuada das equipes das escolas, quanto nas práticas pedagógicas com as crianças. Além das atividades em campo, as pesquisadoras tiveram a oportunidade de acompanhar vários *encontros de formação* regionais e encontros locais de *formação em contexto*³, realizados ao longo dos anos de 2013 e 2014 no âmbito do projeto de assessoramento.

Tais atividades foram sistematizadas posteriormente em relatórios de pesquisa. O cenário de análise e discussão deste estudo, por sua vez, tinha como proposta a organização em dois eixos significativos. No primeiro eixo, estavam enfatizados o viver cotidiano, as memórias autobiográficas de infância e as relações com as crianças em espaço-tempo da escola infantil: *O cinema de cada um/uma, a poesia, a literatura infantil e a música infantil*. Por outro lado, no segundo eixo, estava enfatizado o cinema, a poesia, a literatura infantil e a música infantil, sendo tomados como uma potência no cotidiano dos espaços educativos, com vistas ao desmantelamento de um sentido único para o fazer pedagógico, bem como a infância como dispositivo de poder/saber.

Ao longo do percurso foi reiterada a importância de considerar, nos processos formativos e educativos, o sentido das práticas instituídas para os diferentes grupos sociais que compõe as escolas. Observamos e problematizamos, de modo especial, os significados atribuídos ao estar em interação, ao planejar, conviver, partilhar processos formativos, construir currículos, reconhecendo, sobretudo, que estes constituem territórios de produção de saberes e poderes.

² Projeto de Assessoramento e Acompanhamento Pedagógico às Redes e Sistemas de Ensino na Implementação do Proinfância em Municípios da Região Central, Norte e Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - MEC.

³ Os *encontros de formação* regionais consistiam de atividades formativas em micropolos geográficos no território de abrangência, compreendido por 46 municípios. Os encontros de *formação em contexto* consistiam de atividades formativas e assessoramento realizado *in loco*, junto às escolas integrantes da amostra do Polo, compreendida esta amostra por 08 municípios. Ambas as atividades eram integrantes da metodologia de trabalho do projeto de assessoramento.

A investigação permitiu examinar a formação docente na Educação Infantil e a infância, buscando ampliar a interface com a cultura, através do cinema em especial, e outras artes linguageiras, como a poesia, a música e a literatura infantil. Neste sentido, as dimensões estéticas, políticas e culturais da formação docente foram tomadas em consonância com os desafios colocados pelas Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil (2009).

A aproximação em questão parte do pressuposto teórico-analítico de que as professoras são *sujeitos socioculturais* (Castro, 1996), que se diferenciam dos demais grupos, categorias e segmentos de trabalhadores, a partir de sua condição docente de articulação teórico-prática, na constituição de uma práxis. De tal modo, tem-se caracterizado e analisado as relações e vivências dos participantes da pesquisa com as suas memórias autobiográficas. Esta análise incide também sobre as suas relações e vivências com o cinema, a literatura, a poesia e a música infantil, buscando compreender o lugar destas linguagens em suas vidas. A análise desenvolvida com os sujeitos reconhece trajetórias pessoais e profissionais marcadas por experiências muito restritas e pouco diversificadas, que implicam em certa medida num estreitamento das práticas pedagógicas com as crianças.

Interessa então, a partir destes recortes, compreender imagens, visões e concepções de criança e infância, ampliando a análise sobre os saberes e fazeres docentes em suas vidas, em seus processos formativos e em seu trabalho no cotidiano da escola infantil, bem como os significados e sentimentos que se inscrevem em seus encontros com as crianças.

UNIVERSIDADE E INTERCULTURALIDADE

No campo pedagógico, vivemos as últimas décadas com muitas inquietações e mudanças no modo de conceber a infância e as formas de socialização destes pequenos sujeitos, especialmente nas instituições de educação infantil. As concepções presentes nas DNCEI (2009) assumem uma perspectiva generosa com a criança e com o currículo, reconhecendo a possibilidade de encontro entre as experiências e os saberes das crianças com o patrimônio acumulado pela humanidade nos âmbitos cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico. Trata-se de uma ideia de currículo cultural, estando as professoras em uma posição de mediação.

Trabalhamos com o pressuposto de que deslocamentos nas concepções de criança e de infâncias exercem efeitos significativos na cultura profissional das professoras, nas práticas pedagógicas com as crianças e nas relações construídas com as famílias.

Nesse sentido, interessa refletir nos espaços de formação acadêmica sobre as concepções que estão presentes e que revelam-se nas práticas pedagógicas de adultos com crianças pequenas. Os campos da Sociologia da Infância e da Antropologia da Criança contribuem de forma particular no que se refere às diversas maneiras de entender a socialização, gostos, tempos, espaços, brincadeiras, culturas, modos infantis de ver, estar e interagir com o mundo, frequentar a escola, enfim, seu universo simbólico.

Esta proposta de trabalho reflete sobre a formação docente e insere-se no campo da Educação Intercultural, problematizando referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos relativos às práticas educativas escolares com crianças, com vistas à descolonização de saberes e poderes. A interculturalidade traz uma perspectiva de alteridade na relação com o outro, estando pressuposto um respeito à diferença, onde esta possui uma dimensão de diversidade, não implicando práticas sociais desiguais. Pressupõe o saber do outro e o bem viver, em um espaço que gera relações outras de saber e poder, onde o professor não é mais a centralidade do processo. A interculturalidade assume-se então como um caminho possível neste processo de descolonização de saberes e poderes sobre a infância. Produz deslocamentos.

Estas mudanças passam necessariamente pela revisão dos percursos de formação acadêmica e profissionais, para além das dimensões técnicas e teóricas, assegurando um espaço de reflexão e vivência em um campo ético e político. Neste sentido, a mudança na cultura profissional encontra uma posição de centralidade no debate, representando a busca deste espaço onde os diferentes modos de ser e de viver a infância, em seus diferentes contextos socioculturais, sejam acolhidos.

A aproximação entre a pesquisa acadêmica e o projeto de assessoramento, como já foi colocado, foi construída a partir de diversas práticas voltadas à formação inicial de professores/as no Curso de Pedagogia e nos processos de formação continuada junto à rede pública de ensino. Estas vivências convergem para o objetivo comum de ampliar referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos, relativos às práticas educativas com crianças na perspectiva intercultural, com vistas à descolonização de saberes e poderes acerca da infância.

Ao problematizar esta temática de estudos, lançamos mão das palavras de Mariano Ismael Palamidessi⁴ (2000), quando enfatiza que a *problematização emerge quando um aspecto da realidade se conforma por efeito da atenção e da interrogação a que é submetida por um grupo ou setor da sociedade* (p. 213). Uma problematização funcionaria quando se propõe que algo seja melhorado, modificado ou refletido. *A identificação de uma problematização seria possível quando, ao redor de certo objeto, tema ou questão, são produzidos e circulam valores, imperativos, exigências, regras, enfim, discursos* (p. 214).

A convergência para este campo de debate traz muitos questionamentos. Poderíamos nos interrogar sobre o modo como concebemos as crianças que hoje estão na escola infantil. Sobre como concebemos a infância na contemporaneidade. Que relações são possíveis estabelecer com outras infâncias, com memórias e lembranças de nosso tempo de criança? Quais expressões culturais da infância poderiam ser observadas na escola infantil? O que sabemos sobre o universo simbólico das crianças que estão na escola infantil? Como vivem seus cotidianos? Como as crianças vivem sua experiência de infância? Como significam estar na escola infantil? O que e como aprendem com seus pares? Como brincam e interagem? Como reconhecem a professora, as atividades, os espaços? Como percebem os tempos vividos na escola? Como nós adultos nos relacionamos com as crianças?

Interrogar sobre o modo como professore/as e familiares se relacionam com as crianças em seus processos de socialização, permitiria dismantelar significados universais de conhecimento sobre a infância e as crianças. Em uma busca por outras racionalidades, outras possibilidades que possam recusar modelos que unificam sentidos, estéticas, linguagens e fazeres pedagógicos.

Assistimos uma reconceitualização da infância na contemporaneidade, contribuindo para o reconhecimento das vantagens sociais, culturais e pedagógicas da participação das crianças em seus processos de aprendizagens (Tomás, 2007 e 2011), recusando a ideia de negatividade e promovendo a ideia de alteridade. Levantando o questionamento e a reflexão sobre quem é esse outro infantil para as professoras e como estas se relacionam cotidianamente com estes sujeitos.

Ao direcionarmos nosso olhar para estas questões, necessariamente vamos estar atentos também às vozes das crianças e aos elementos presentes em seus discursos,

⁴ O pesquisador vale-se do conceito de problematização desenvolvido por Foucault (1998, 1999 e 1996), utilizado também por Jorge Larrosa (1998).

buscando reconhecer as imagens que estas constroem sobre as professoras, sem descuidar das expressões culturais da infância que estão presentes nos espaços educativos. São reflexões que trazem pressuposto um imperativo de investigação sobre o universo das crianças e sobre como estas vivem os seus cotidianos, e os próprios significados construídos sobre a vivência de estar na escola infantil.

As atividades acadêmicas propostas em disciplinas do currículo no Curso de Pedagogia realizam um movimento de problematização sobre as contribuições da educação intercultural. As trajetórias de formação inicial exercem um papel determinante na constituição da docência, ainda que a noção mais ampla dos processos de formação circule por um conjunto de vivências em diferentes tempos e espaços. De acordo com Nóvoa (1995, p.25):

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante *investir a pessoa* e dar um estatuto ao *saber da experiência*.

Nas pesquisas realizadas nos últimos anos temos tomado a infância e a docência como elementos fundamentais do processo educativo. A partir delas problematizamos concepções como participação e protagonismo, vozes e narrativas, imaginário infantil e linguagens, subjetividades e identidades docentes e infantis, mediante estudos pautados em diversos campos do conhecimento no diálogo com a Pedagogia.

Entendemos que o ato pedagógico requer um diálogo permanente com diversas referências de conhecimento e entre diferentes grupos sociais e culturais. Nesse sentido, as contribuições de Ricardo Vieira (2008) são válidas ao debate e para pensar sobre a formação de professores/as pautada no desenvolvimento da capacidade para agir interculturalmente. O autor propõe o estudo de narrativas educativas, tanto de alunos quanto de professores/as, como uma das possibilidades para mostrar como os sujeitos interiorizam os vários elementos culturais de que se apropriam, ou que produzem, criando identificações nos seus grupos de pertença. Muitas são as possibilidades narrativas, elas poderão ser tomadas em sua dimensão estética, política e cultural, o que permite reconhecer a escola e suas relações cotidianas como *locus* privilegiado do contexto formativo, nas dimensões política, pedagógica, epistêmica, relacional, ética e estética, conforme afirma Maria Tereza Goudard Tavares (2008).

Os estudos sobre o Imaginário Social, esquema de análise proposto por Castoriadis (1982), possibilitam apreender um pouco mais do universo sociocultural de adultos e crianças da/na Educação Infantil. As instituições educacionais, escola e universidade, são aqui consideradas em suas distintas significações para os grupos que nela convivem, podendo ser consideradas como *uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam em proporções e em relações variáveis um componente funcional e um componente imaginário* (Castoriadis, 1982, p. 159). Reiteramos a importância de considerar nos processos formativos e educativos o sentido das práticas instituídas, pois o contexto de formação inicial de professores/as, bem como a formação continuada nas escolas e seus currículos, constituem-se territórios de produção, circulação e consolidação de significados.

Outras leituras evidenciam que o imaginário social fala mediante várias linguagens. Nesse sentido, Valeska Fortes de Oliveira (2000), contribui para pensar os modos como investigar neste campo do imaginário, bem como as ricas possibilidades em adentrar por essas linguagens, pois, segundo a autora, criar espaços de fala é instituir/instituindo sentidos.

Nos espaços educativos dedicados à infância, as relações cotidianas são plurais e demasiadamente complexas, pois são diferentes grupos sociais que habitam e interagem na escola, desde as professoras e funcionárias até as crianças e suas famílias. São pessoas que vivem em condições materiais e práticas sociais específicas e, portanto, possuem diferentes representações acerca das crianças e da infância, das relações de poder e saber, dos modos de ser e viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inspiradas em estudos de Reinaldo Matias Fleuri (2004), buscamos aproximações com a perspectiva intercultural na formação docente para infância. O autor apresenta contribuições no sentido de compreender criticamente as diferenças, promovendo sua interação em um processo racional que não as anule, mas que ative o potencial criativo e crítico dos sujeitos e dos contextos em interação. Em nosso caso, docentes e coordenações pedagógicas em processos de formação continuada. Prossegue argumentando que, em um processo de pesquisa de tal natureza, seria possível recusar um posicionamento individual de observação supostamente neutro e exterior aos fatos e à vida sujeitos.

Concordamos com o autor, ao reconhecermos que o desafio nesta perspectiva de interculturalidade tem sido desenvolver recursos e processos capazes de acionar a elaboração e a circulação de informações entre os sujeitos, de modo que se auto-organizem, em relações de reciprocidade nos seus respectivos espaços. Neste sentido, os *encontros de formação* e as *formações em contexto*, ao longo do projeto de assessoramento, constituiriam um fator mobilizador importante nos processos de interações e trocas entre os sujeitos, entre os diferentes grupos e até mesmo entre municípios, oferecendo condições favoráveis para ressignificar e transformar os seus contextos de atuação.

A perspectiva intercultural assumida por Reinaldo Matias Fleuri é ancorada em Catarina Walsh, Orlando Fals Borda, Walter Mignolo e outros. Traz a oportunidade de problematizar a estrutura colonial e sua ligação com o capitalismo de mercado, apontando para a construção de sociedades diferentes, inscritas em outra ordem social. Para tais autores, em especial para Catarina Walsh, a interculturalidade crítica traz um apelo dos povos e grupos sociais historicamente subalternizados, assim como dos setores que lutam, junto com eles, pela re-fundação social e descolonização, pela construção de um mundo melhor. Para a autora, trata-se de entender e construir a interculturalidade como projeto político, social, ético e epistêmico, uma vez que a diferença é construída como padrão de poder colonial que atravessa praticamente todas as esferas da vida.

O desafio que se coloca para a pesquisa intercultural seria reconhecer os múltiplos fatores, dimensões, contextos, sujeitos e *perspectivas que interagem e que não podem ser reduzidas por um único código e um único esquema a ser proposto como modelo transferível universalmente* (FLEURI, 2001).

Concordamos com esta perspectiva, assumindo o risco implicado na elaboração crítica de conhecimento. Desse modo, a inserção junto ao contexto de análise, bem como a interlocução e a troca entre pesquisadores e sujeitos não pode ser considerada neutra ou desprovida de intencionalidade. Estas vivências produzem efeitos. Espera-se efetivamente que estes efeitos sejam instituintes de novos sentidos, em um ângulo de interculturalidade, onde os deslocamentos produzidos abram a possibilidade de uma descolonização de saberes e poderes acerca da infância, desconstruindo a ideia de um sentido único para os processos de formação docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, René. 2007. *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Editora Líber Livro.

CANDAU, Vera. 2008. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera (Orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes.

CASTRO, Inês Teixeira. Os Professores como Sujeitos Sócio-culturais, In: DAYREL, Juarez (org) *Múltiplos Olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

FLEURI, Reinaldo M. (Coordenador) e SCHERER-WARREN, Ilse. *Educação intercultural e Movimentos Sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil*. Projeto de Pesquisa – Plano Sul de Pesquisa e Pós-Graduação. PSEPPG/CNPq. Florianópolis, 2001. (Processo CNPq 520770/99-4)

HENRIQUES, Eda. 2006. O imaginário e a formação do professor. In. AZEVEDO, Nyrma (Org.). *Imaginário e educação*. Campinas, SP:Alínea.

LARROSA, Jorge. 2002. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Tradução de João Vanderlei Geraldi. Jan/Fev/Mar/Abr, n.19

NÓVOA, Antonio. *Vidas de professores*. Portugal, Porto Editora, 1995

PALAMIDESSI, Mariano Ismael. 2000. Curriculum y Problematizaciones: moldes sobre lo cotidiano. In: GVIRTZ, Silvina (org.). *Textos para repensar el día a día escolar: sobre cuerpos, vestuarios, espacios, lenguajes, ritos y modos de convivencias en nuestra escuela*. Buenos Aires: Santillna.

POSTIC, Marcel. 1993. *O imaginário na relação pedagógica*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

TAVARES, M. T. G. 2008. Infâncias em periferias urbanas: textos, contextos e desafios para a formação das professoras da infância. In. GARCIA, Regina Leite (org.). *Alfabetização: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes*. São Paulo: Cortez.

TOMÁS, Catarina. 2007. Participação não tem idade: participação das crianças e cidadania da infância. *Contexto e Educação, Infância e Sociedade*, Ijuí: Ed. Unijuí, v. 1, n. 1, p. 45-68, jul./dez.

TOMÁS, Catarina. 2011. Há muitos mundos no mundo. Cosmopolitismo, participação e direitos da criança. Portugal: Afrontamento.

VIEIRA, Ricardo. 2008. Identidades, Histórias de vida e culturas escolares: contribuições e desafios para a formação de professores. In: ARAÚJO, Mairce da Silva (Org.). *Vozes da Educação: memórias, histórias e formação de professores*. Petrópolis: DP et Alli, RJ: Faperj, 2008.

WESCHENFELDER, Noeli Valentina. 1996. *A identidade sociocultural das crianças da periferia urbana de Ijuí e o processo de alfabetização*. Santa Maria: UFSM, 1996. 178p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas.

CONGRESSO DA ASSOCIATION INTERNATIONALE POUR LA RECHERCHE INTERCULTURELLE (ARIC), 12, 2009, Florianópolis. Diálogos interculturais: Descolonizar o saber e o poder. Florianópolis, UFSC, www.aric2009.ufsc.br, 2009. Disponível em : <http://aric.edugraf.ufsc.br/congrio/anais/artigo/767/textoCompleto>